

Das lutas anticoloniais às lutas do quotidiano: lugares das mulheres nos 50 anos das independências

25 e 26 de setembro de 2025

Universidade de Évora

PROGRAMA

25 de setembro

10h - 10h30 - Sessão de abertura

Reitora da Universidade de Évora

Sílvia Roque (UEvora) - cocoordenadora da Conferência

Celeste Fortes (Uni-CV/Cabo Verde) - cocoordenadora da conferência

10h30 - 11h30 - Keynote: Das lutas anticoloniais às lutas do quotidiano

Patricia McFadden

Moderação: Teresa Cunha

11h30 - 11h45 - Pausa -Café

11h45 - 13h15 - A participação das mulheres nas lutas de libertação: uma perspetiva histórica

Joanna Katto

Margarida Paredes

Odete da Costa Semedo

Moderação: Celeste Fortes (Uni-CV)

Almoço

14h30 - 17h30 - Workshop - das lutas de libertação às lutas do quotidiano I

Workshop com a participação das oradoras e facilitação das organizadoras dirigido a estudantes e investigadoras/es (máximo de 30 participantes).

18h00 - Sessão de cinema

Curadoria de Maria do Carmo Piçarra.

26 de setembro

10h - 11h00 - As lutas pela memória: passado, presente e futuro

Terezinha da Silva

Celeste Fortes e Rita Rainho

Kamy Lara

Moderação: Catarina Laranjeiro (IHC-NOVA/FCSH).

11h00 - 11h15 - Pausa-Café

11h15- 13h15: Mulheres, anticolonialismo e anti-racismo

Ana Cristina Pereira

Cristina Roldão

Sónia Vaz Borges

Moderação: Sílvia Roque

13h15-14h30 - Almoço

14h30 - 17h30 - Workshop - das lutas de libertação às lutas do quotidiano II

Workshop com a participação das oradoras e facilitação das organizadoras dirigido a estudantes e investigadoras/es (máximo de 30 participantes).

18h - Sessão de cinema

Curadoria de Maria do Carmo Piçarra (Portugal).

Notas biográficas

Ana Cristina Pereira (AKA Kitty Furtado) é crítica cultural empenhada na diluição de fronteiras entre academia e esfera pública. Doutora em Estudos Culturais (Universidade do Minho), mestre em Ciências da Educação (Universidade de Aveiro) e licenciada em Estudos Teatrais (ESMAE). Foi investigadora de pós-doutoramento do projeto “(De)Othering” (2020-22, Universidade de Coimbra); investigadora do projeto “CulturesPast&Present” (2018-22, CECS) e do projeto “À margem do cinema português: um estudo sobre o cinema afrodescendente” produzido em Portugal (2018-20, Universidade de Coimbra). Coordena a linha de Investigação “Ativismos Migrantes” no âmbito do projeto “MigraMediaActs” 2022-25, CECS). Entre várias publicações nacionais e internacionais, coeditou o número 6, da VISTA – Revista de Cultura Visual sobre “(In)Visibilidades: imagem e racismo” (2020) e o número 54 da Revista Comunicação e Linguagens sobre “Gendering decolonizations: ways of seeing and knowing” (2021). É coautora (com Rosa Cabecinhas) do livro Abrir os Gomos do Tempo: conversas sobre cinema em Moçambique (2022).

Cristina Roldão é doutorada em Sociologia, investigadora do ISCTE-IUL e docente da Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE/IPS). Tem participado ativamente no debate académico e público sobre o racismo e a História Negra na sociedade portuguesa. É membro da comissão organizadora da 7.^a Conferência Internacional Afro europeans (Lisboa, 2019) e da coordenação do «Roteiro Antirracista» da ESE/IPS. É cronista do Público e foi membro dos Grupos de Trabalho sobre o Plano Nacional de Combate ao Racismo e sobre a recolha de dados étnico-raciais nos Censos 2021.

Joanna Katto é investigadora e trabalha sobre a intersecção de história oral, estudos de género e história cultural. Atualmente, é bolseira de investigação da Academia no Departamento de Línguas da Universidade de Helsínquia, onde lidera o projeto “Multiscalar gendered temporalities in southeastern African history: Vozes orais, passados vividos e herdados, e o testemunho profundo do tempo na linguagem” (GENTEMPO-Africa). É também editora-chefe (juntamente com Thera Crane) do Nordic Journal of African Studies.

Kamy Lara nasceu em Luanda, em 1980. Aos 18 anos mudou-se para Lisboa para terminar os estudos. Em 2010 regressou a Angola e integrou a equipa do projeto “Angola - Nos Trilhos da Independência”, no qual gravou cerca de 700 entrevistas com pessoas que participaram na luta pela independência de Angola que compuseram o documentário “Independência” lançado em 2015. Kamy assina a Direção de Fotografia nos cinco filmes produzidos pelo projeto e é a realizadora de “Mulheres de Armas”. Em 2019 dirigiu a sua longa-metragem, o documentário “Além dos Meus Passos”. Kamy tem trabalhado em vários projetos cinematográficos com diferentes artistas angolanos como os realizadores Fradique, Ery Claver, Sérgio Afonso; os artistas plásticos Kiluanji-Kia-Henda, Pamina Sebastião, Helena Uambembe; o escritor Ondjanki, entre outros. Para além do cinema, Kamy tem trabalhado voluntariamente na Coordenação do Ondjango Feminista desde 2016 desenvolvendo em conjunto com outras mulheres angolanas várias atividades pelos direitos das mulheres.

Margarida Paredes é natural de Coimbra. Viveu em Angola e Moçambique coloniais, acompanhando os pais. Aderiu ao MPLA em 1973 e foi uma das primeiras militantes do partido a chegar a Luanda após o 25 de Abril de 1974. Foi guerrilheira das FAPLA, Forças Armadas Populares de Libertação em Angola. Regressou a Portugal em 1981. Licenciada em Estudos Africanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Doutorada em Antropologia pelo ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, foi investigadora e professora convidada da Universidade Federal da Bahia, UFBA em Salvador, Brasil. De regresso a Portugal é Investigadora Independente em Projetos Científicos, nomeadamente sobre Discursos Memorialistas Africanos e a Construção da História, no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Autora de *Combater Duas Vezes. Mulheres na luta armada em Angola* (2015).

Maria do Carmo Piçarra é doutorada, mestre e licenciada em Ciências da Comunicação pela FCSH-UNL, além de ter feito investigação pós-doutoral (2015-2018) em Ciências da Comunicação no CECS-U. Minho e no CFAC-U. Reading. Publicou, entre outros títulos e artigos, “Azuis ultramarinos. Propaganda colonial e censura no cinema do Estado Novo” (2015), “Salazar vai ao cinema I e II” (2006, 2011), e coordenou, com Jorge António, a trilogia Angola, “o nascimento de uma nação” (2013, 2014, 2015) e, com Teresa Castro, “(Re)Imagining African Independence. Film, Visual Arts and the Fall of the Portuguese Empire” (2017).

Odete da Costa Semedo (Bissau, 1959) Doutorada em Letras (Literaturas de Língua Portuguesa), pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMINAS), é investigadora sénior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), na Guiné-Bissau. Professora de Língua Portuguesa e Literaturas africanas de língua portuguesa, expert nacional nos domínios de ensino/formação, participação feminina. Facilitadora de ações de formação no domínio do Género e Desenvolvimento no Contexto Africano, Literaturas e culturas, tradição oral guineenses e literaturas em língua portuguesa. Desempenhou as funções de: Ministra da educação - maio de 2014 a maio de 2016; Reitora da Universidade Amílcar Cabral (2012 a 2014); Ministra da Educação Nacional - junho 1997 a fevereiro 1999; Ministra da Saúde - março de 2004 a novembro de 2005. Escritora com várias obras e artigos publicados na Guiné Bissau e no estrangeiro, entre elas, o diário da dirigente do PAIGC, *Carmen pereira: Os meus três amores: o diário de Carmen Maria de Araújo Pereira: uma visão de Odete Costa Semedo* (2016).

Patricia McFadden de eSwatini (nascida em 1952) é uma feminista radical africana, socióloga, escritora, educadora e editora de eSwatini, ativista e académica que trabalhou no movimento anti-apartheid durante mais de 20 anos. Como escritora, foi alvo de perseguição política e trabalhou como editora da *Southern African Feminist Review* e da *African Feminist Perspectives*. McFadden foi professora na Universidade de Cornell, no Spelman College, na Universidade de Syracuse e no Smith College, nos Estados Unidos, e trabalha também como “consultora feminista”, apoiando mulheres na criação de espaços feministas institucionalmente sustentáveis na África Austral.

Rita Rainho é investigadora-artista do i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da FBAUP - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É doutorada em Educação Artística e mestre em Arte e Design para o Espaço Público por essa instituição. Prolonga a sua investigação e criação artística para o Sul político na ação coletiva do 'movimento intercultural Identidades' entre Brasil, Cabo Verde e Moçambique, da Oficina de Utopias e Neve Insular em Cabo Verde. Dedica-se à esfera expandida da arte, comprometida com o social, político e ambiental. Apresenta regularmente os seus projetos no contexto nacional e internacional.

Sónia Vaz Borges é professora auxiliar no programa de História e Estudos Africanos na Universidade Drexel, em Filadélfia (EUA). Borges descreve-se como uma historiadora interdisciplinar militante e organizadora político-social. É doutorada em História da Educação pela Humboldt-Universität zu Berlin (HU). É autora do livro *Militant Education, Liberation Struggle, Consciousness: The PAIGC education in Guinea Bissau 1963–1978* (2019).

Terezinha da Silva é ativista feminista e pesquisadora do Instituto de Estudos Sociais e Económicos de Moçambique. Foi coordenadora Nacional durante 13 anos do think tank feminista *Women and Law in Southern Africa - Moçambique*. Tem uma longa experiência de trabalho sobre saúde, género, direitos humanos das mulheres e ação social em Moçambique; é membro do National Reference Group at the Civil Society do programa SPOTLIGHT INITIATIVE. Realizou mestrado em Social Policy and Planning in Developing Countries pela London School of Economics and Political Science (LSE), University of London, Reino Unido.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Sílvia Roque (Coimbra, 1980) é Professora Auxiliar de Relações Internacionais na Universidade de Évora. Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, desde 2008, onde foi também investigadora júnior entre 2005 e 2007. Foi coordenadora do Núcleo de Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz entre 2016 e 2019. Foi Professora Auxiliar Convidada do Mestrado em Estudos Africanos, no ISCTE-IUL (2017-2019). Doutorada em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (2014), recebeu, em 2015, o Prémio CES para Jovens Cientistas Sociais de Língua Portuguesa pela sua tese de doutoramento. Realizou ainda um mestrado em Estudos Africanos (2007), no ISCTE-IUL-Instituto Universitário de Lisboa, e é licenciada em Relações Internacionais pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (2002). Desde 2005 tem trabalhado em projetos de investigação no domínio das Relações Internacionais, em particular na área de Estudos para a Paz e Estudos Feministas. Para além da Guiné-Bissau e de El Salvador, países onde concentrou a maior parte da sua investigação, colaborou ainda em projetos de investigação em Portugal e em Moçambique. Além disso, tem colaborado com organizações da sociedade civil e organizações internacionais na realização de estudos, formação e cooperação que visem a compreensão e a diminuição de várias expressões de violência. Das suas publicações destacam-se: *Pós-guerra? Percursos de violência nas margens das Relações*

Internacionais. Coimbra: Almedina, 2016; e "Mulheres, nação e lutas no cinema anti/pós-colonial da Guiné-Bissau", *Revista De Comunicação E Linguagens*, 54, 276-295, 2021.

Celeste Fortes é cabo-verdiana, safra de 1981. Doutorada em Antropologia Social e Cultural, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Feminista e ativista social e cultural. Docente e investigadora na Universidade de Cabo Verde. Lutadora, em várias frentes, pela democratização e polifonia das vozes femininas. Criadora de projetos que promovem diálogos entre a academia e a intervenção artística, de forma a produzir agendas endógenas de investigação e ativismo. Co-coordenou o projeto *Memórias para o futuro: projetar a independência no feminino*. É corealizadora do documentário *Bidon: nação ilhéu* (2019), financiado pelo programa CPLP Audiovisual - DOCTV III.

Teresa Cunha é doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra em pós-colonialismos e cidadania global com uma tese com o título 'Para além de um Índico de revoltas. Uma análise feminista e pós-colonial das estratégias de autoridade e poder das mulheres de Moçambique e Timor-Leste'. Realizou uma investigação pós-doutoral em Economias Feministas em Moçambique, África do Sul e Brasil (2011 a 2018). É professora desde 1980, professora-coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra desde 2020. Os seus interesses de investigação e formação são feminismos e pós-colonialismos; outras economias e economias feministas mulheres; transição pós-bélica, paz e memórias; direitos humanos das mulheres. Tem publicados vários livros e artigos científicos em diversos países e línguas. Destacam-se os seguintes livros: *Economic Diversity in Contemporary Timor-Leste*; *Mulheres; Territórios e Identidades* vol 1, 2 e 3; *Women InPower Women*. Outras Economias criadas e lideradas por mulheres do sul não-imperial; *Never Trust Sindarela*. *Feminismos, Pós-colonialismos, Moçambique e Timor-Leste*; *Ensaio pela Democracia*. *Justiça, dignidade e bem-viver*; *Elas no Sul e no Norte*; *Vozes das Mulheres de Timor*; *Timor-Leste: Crónica da Observação da Coragem*; *Feto Timor Nain Hitu - Sete Mulheres de Timor*; *Andar Por Outros Caminhos e Raízes da Participação*. Formadora do Conselho da Europa desde 1993 na área dos Direitos Humanos, Educação não-formal, Juventude e Género. Realizou ao longo da sua vida muitos projetos de educação-não formal feminista e pós-colonial nomeadamente em Moçambique, Colômbia, Brasil, Espanha e Timor-Leste. É fundadora da coletiva internacional 'Economias Feministas Camponesas' que junta ativistas e académicas de Espanha, Portugal, Colômbia, Brasil e Moçambique. Desde 2019, no âmbito do trabalho desta coletiva coordenou várias escolas avançadas e projetos feministas decoloniais em Coimbra, Bogotá, Medellín e Maputo. Foi presidente durante 7 anos da ONG internacional *Youth Action for Peace* (1990 a 1997) e ativista feminista em várias organizações nacionais e internacionais como a *Marcha Mundial das Mulheres*. Em 2017, foi agraciada com a Ordem de Timor-Leste pelo Presidente da República Democrática de Timor-Leste pelos seus contributos para a paz e a independência do país.

Catarina Laranjeiro é investigadora do Instituto de História Contemporânea da NOVA FCSH, onde desenvolve uma investigação sobre cinema vernacular em Cabo-Verde e Guiné-Bissau e respectivas diásporas em Portugal e França. É doutora em Pós-

Colonialismos e Cidadania Global pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e mestre em Antropologia Visual e dos Media pela Freie Universitaet Berlin. Participa, regularmente, em diversos projetos e coletivos que cruzam a antropologia, a fotografia e o cinema. Das suas publicações destacam-se: *Dos sonhos e das imagens. A guerra de libertação na Guiné-Bissau*. Lisboa: Outro Modo, 2021; e “Gender Struggle in Guinea-Bissau: Women’s Participation On and Off the Liberation Record,” in *Resistance and Colonialism: Insurgent Peoples in World History*, editado por Nuno Domingos, Miguel Bandeira Jerónimo e Ricardo Roque, 85-122. London: Palgrave Macmillan, 2019, com Inês Galvão.

Apoio da Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito do Apoio à Realização de Conferências ou Seminários alusivos aos processos históricos das independências dos Países Africanos de Língua Portuguesa.